

Cultura, Resistência e Diferenciação Social

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)



Atena
Editora

Ano 2019

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

Cultura, Resistência e Diferenciação Social

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Geraldo Alves

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C968 Cultura, resistência e diferenciação social [recurso eletrônico] /
Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta
Grossa (PR): Atena Editora, 2019.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-203-6

DOI 10.22533/at.ed.036192803

1. Antropologia. 2. Identidade cultural. 3. Resistência cultural.
I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza.

CDD 306

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Cultura, Resistência e Diferenciação Social

Freud, em *O mal-estar da civilização*, obra renomada e publicada em inúmeras edições, defende que a civilização é sinônimo de cultura. Ou seja, não podemos desassociar a funcionalidade cultural em organizar um espaço, determinar discursos e produzirem efeitos.

Por vivermos em tempos em que só o fato de existir já é resistir, seria ingenuidade, tanto de assujeitamento, quanto social, acreditar que a cultura não vem produzindo a resistência, principalmente na diferenciação social. Entre estudiosos, um dos pontos mais questionáveis, entre pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento, é sobre o papel do professor como agente cultural, no espaço escolar, mas não podemos legitimar que a escola, bem como o professor, sejam os principais influenciadores. Há, no social, trocas dialógicas, enunciativas e discursivas que configuram e constituem o sujeito em meio sua adequação individual, ou seja, o acultramento perpassa por “muitas mãos”, instituições, sujeitos, ideologias que atuam na formação estrutural.

De acordo com nossas filiações, determinamos culturas, determinamos não culturas, assim como afirma Bourdieu (1989), que responsabiliza essas legitimações aos próprios sujeitos que as vivem. Resistir seria, neste caso, transformar o mundo no qual estamos inseridos.

A escola precisa ser transformada, há muito tempo ela serve à legitimação da cultura dominante. É de fundamental relevância que a escola esteja cada vez mais próxima daqueles que são, de certa forma, o coração que a faz pulsar, da comunidade escolar que, ao garantir sua identidade cultural, cada vez mais se fortalece no exercício da cidadania democrática, promovendo a transformação da escola em uma escola mais humanizada e menos reprodutora, uma escola que garanta, valorize e proteja a sua autonomia, diálogo e participação coletiva. Assim, dentro dessa coletânea, buscou-se a contribuição do conceito de mediação como um possível conceito de diálogo para com as problemáticas anteriormente explicitadas.

O termo ensino e aprendizagem em que o conceito de mediação em Vigotsky (2009) dá início à discussão a uma discussão sobre mediação, que considera o meio cultural às relações entre os indivíduos como percurso do desenvolvimento humano, onde a reelaboração e reestruturação dos signos são transmitidos ao indivíduo pelo grupo cultural. As reflexões realizadas, a partir dos artigos propostos na coletânea, nos mostram que a validação do ensino da arte, dentro das escolas públicas, deve se fundamentar na busca incessante da provocação dos sentidos, na ampliação da visão de mundo e no desenvolvimento do senso crítico de percepção e de pertencimento a determinada história, que é legitimada culturalmente em um tempo/espaço.

A escola precisa fazer transparecer a possibilidade de relações sociais, despertar e por assim vir a intervir nestes processos. Se deve analisar de maneira mais crítica aquilo que é oferecido como repertório e vivência artística e cultural para os alunos, bem como se questionar como se media estas experiências, ampliar as relações com a arte e a cultura, ao contrapor-se ao exercício de associação exercido muitas vezes pela escola nas práticas de alienação dos sujeitos diante de sua realidade.

Todos, no espaço escolar, atuando de maneira mais contributiva como lugar propício para ressignificação, mediação, produção cultural e diálogos culturais, que articulados junto a uma política cultural democrática podem vir a construir novos discursos que ultrapassam os muros que restringem a escola a este espaço de dominação, legitimado pelo atual sistema. A escola, dentro desta perspectiva, passa a ser concebida como um espaço de dupla dimensão. Dentro desta concepção, os processos de mediação potencializam a práxis de um pensamento artístico e cultural. É, atuando atrelado ao cotidiano, em uma perspectiva de mediação, que parte destes pressupostos apresentados que a escola passa a adquirir um carácter de identidade, resistente à homogeneização cultural. A escola pode causar novas impressões, pode abrir seu espaço para novos diálogos e conversações.

É preciso, no entanto, despertar esta relação, desacomodar-se do que é imposto. Muitos são os fatores que teimam em desmotivar, no entanto, está longe desta ser a 90 solução para um sistema educacional que precisa de maneira urgente ser repensado. Ao acompanhar a ação nestas escolas, foi impressionante observar como a movimentação contagiava todos, até mesmo aos que observavam a movimentação e curiosos passavam pelo espaço, alunos de outras turmas apareciam para ajudar e tudo era visto com grande expectativa. Os alunos que participaram do processo aparentavam estar realmente coletivamente envolvidos, e isso pode ser observado nos depoimentos. O movimento observado na montagem, na realização da exposição e na ação educativa foi surpreendente e demonstra que a escola carrega realmente consigo algo muito precioso, que é pouco valorizado, o cotidiano real, o qual não está incluso em documentos, a parte viva da escola.

A presente ação demonstrou que a escola pode tomar rumos diferentes dos quais ela é designada pelo sistema. Aponta que um destes caminhos é apostar nos processos de mediação cultural que partam do cotidiano dos sujeitos que constituem este espaço. Assim, os processos de mediação cultural atrelados ao conceito de cotidiano não documentado atuam como exercício de partilha do sensível e colaboram na formação da práxis de um pensamento artístico e cultural. Esta concepção aqui analisada remete à tomada de uma nova postura frente ao ensino da arte e a concepção de espaço escolar assinala à construção de narrativas que possam contribuir para a construção de uma escola menos determinista e mais humanitária. Ao se realizar uma ação como esta proposta, o espaço escolar permite uma participação ativa e democrática entre seus autores, possibilitando a troca de vivências e experiências na comunidade escolar, promovendo um diálogo que potencializa a produção cultural dos alunos. A mediação dos trabalhos pelos alunos foi, segundo os depoimentos, algo muito rica e satisfatória para eles, os quais se mostraram maravilhados ao poderem partilhar de suas criações e apresentá-las à comunidade escolar.

Na ação educativa os alunos mediam o processo criativo e estes momentos de mediação, em absoluto, se configuraram como exercícios de partilha do sensível, que carregados de significados possibilitam a troca e o contato com o outro. Diante do que aqui se faz exposto, nada se tem a concluir como algo pronto e acabado, assim o que se faz é concluir uma etapa, que se transformará em múltiplas possibilidades de

novos fazeres, desta teia de retalhos cabe, por agora, apreciar a parte que foi tecida e refletir, para sem muito tardar, sair em busca de outros retalhos que possa quiçá, um dia, tornar-se uma trama densa da práxis educativa e artística.

No artigo *A comunidade dos Arturos: existir, resistir, sobrevir*, as autoras, Elenice Martins Barros Castro e Edilene Dias Matos buscam difundir-las, através de festas, ritos e outras manifestações. Nos momentos festivos, sua história é contada por cantos, danças, ritmos dos tambores e dos rituais, que transmitem um legado secular. No artigo **A IMPLANTAÇÃO DO CENTRO DE LANÇAMENTO EM ALCÂNTARA E SUAS IMPLICAÇÕES SOCIOCULTURAIS OCASIONADA A COMUNIDADE DE MARUDÁ**, a autora Francisca Thamires Lima de Sousa, busca identificar e analisar as principais implicações socioculturais ocasionadas aos quilombolas que residem na agrovila de Marudá desde a implantação do Centro de Lançamento e as principais transformações espaciais. No artigo **ANTI-COLONIZAR OS AFETOS DA BRANQUITUDE NO FEMINISMO BRASILEIRO**, a autora ÉLIDA LIMA pretende instigar brevemente a crítica de algumas formas pelas quais efeitos teóricos e afetos cotidianos da branquitude têm suscitado enfrentamentos e transformações no movimento de mulheres brasileiras nos últimos anos, em especial na experiência feminista interseccional. No artigo **AS IMPRESSÕES DOS ÍNDIOS XOKÓ E A POSIÇÃO DOS JURISTAS SOBRE A PEC 215 E A TESE DO MARCO TEMPORAL**, os autores Liliane da Silva Santos e Diogo Francisco Cruz Monteiro examinam documentos sobre os direitos garantidos aos índios na Constituição de 1988 e averiguar as posições dos juristas sobre a PEC 215 e a tese do marco temporal. Realizamos revisão de literatura, análises de legislações indigenistas, das decisões tomadas pelo Supremo Tribunal Federal (STF) sobre as demarcações de terras indígenas. No artigo **BELÉM COMO METRÓPOLE CULTURAL E CRIATIVA DA AMAZÔNIA**: contribuições para a elaboração do Plano Municipal de Cultura de Belém, o autor Valcir Bispo Santos busca apresentar alguns elementos que possam contribuir para a elaboração do Plano Municipal de Cultura de Belém, maior cidade da Amazônia Oriental brasileira. A ideia básica é que a elaboração deste plano pode se sustentar em três (3) diretrizes fundamentais: Participação Social, Criatividade e Diversidade Cultural. No artigo **CORPO PRIVADO CORPO POLITICOS**, os autores Aurionelia Reis Baldez Joice de Oliveira Faria identificar como vem sendo pensada a salvaguarda das culturas populares através do corpo que dança, apontando limiares entre espetacularização nas rodas da cultura e a realidade vivida nas estruturas de poder capitalista. Guiaremos nossa cartografia poética tendo o samba de roda como principal fonte de observação para pensar corpos privados e corpos políticos. A partir das reflexões feitas por Stuart Hall (2013). No artigo **CULTURA E SUAS PERFORMANCES NA ANTROPOLOGIA, SEMIÓTICA DA CULTURA E ESTUDOS CULTURAIS**, os autores, Juliano Batista dos Santos, Jordan Antonio de Souza, José Serafim Bertoloto buscam realizar uma análise teórico-reflexiva sobre a forma como a Antropologia, a Semiótica da Cultura e os Estudos Culturais abordam, estudam e interpretam a cultura. O propósito, todavia, não está reduzido ao entendimento da identidade de cada uma dessas ciências. **DO ATO FÓBICO AO ATO MÁGICO PÓS-POLÍTICO: O NOVO MERCADO DISCURSIVO DO MINISTÉRIO DA CULTURA** os

autores João Luiz Pereira Domingues, Leandro de Paula Santos, Mariana de Oliveira Silva buscam diagnosticar variações narrativas que forjam novos parâmetros de legitimidade para o tratamento da cultura em nível federal em um processo que se organiza sob dois atos discursivos, nomeados ato fóbico e ato mágico pós-político. No artigo **DO EXCESSO DE IMAGENS AO ESVAZIAMENTO DA MENTE**, a autora Sophia Mílian Bagues dos Santos busca aproximar a teoria semiótica de Peirce da filosofia budista tibetana, partindo da compreensão da contemporaneidade como um fabuloso sistema de signos que nos aprisiona ao Samsara, conceito oriental que pode ser entendido, em última instância, como a civilização da imagem. No artigo **MODERNIDADE, DESENVOLVIMENTO E CULTURA VIVA COMO NOVA CONCEPÇÃO DE CULTURA POPULAR**, o autor Miguel Bonumá Brunet analisa três concepções sobre o conceito de cultura popular, visando a compreendê-las sob a perspectiva da sociologia compreensiva, buscando delinear tipos-ideais balizados nos sentidos intentados pelos atores sociais que praticam ações de produção, difusão e fruição cultural. No artigo **O CÔMICO, O JOCOSO E O DÚBIO NAS CANTORIAS DO PALHAÇO** a autora ALDA FÁTIMA DE SOUZA trata da associação dos diversos e atuais estudos sobre a emissão vocal, que nos permite direcionar nossa voz para a fala ou o canto, com a pesquisa de doutorado em andamento “Reprises Circenses: as bases fundantes e históricas evidentes nos circos brasileiros”. No artigo **O PENSAMENTO NÔMADE DO CINEMA MARGINAL BRASILEIRO**, os autores Amanda Souza Ávila Lobo Auterives Maciel Jr. Milene de Cássia Silveira Gusmão buscam pontuar como o cinema marginal traz um pensamento nômade de máquina de guerra, na medida em que se utiliza de signos que fogem ou que fazem fugir o império dos modelos maiores, entrando em relação com outros domínios moleculares de sensibilidade que transgridem ou propõem transvalorar os valores. No artigo **TRABALHANDO O PATRIMÔNIO CULTURAL RELIGIOSO EM AULAS DE HISTÓRIA: SANTUÁRIO NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO**, os autores Liana Barcelos Porto e Adival José Reinert Junior buscam compreender como o patrimônio cultural e religioso vem sendo trabalhado nas escolas da sede da rede municipal da Cidade de Canguçu RS (Canguçu tem 33 escolas municipais, 6 localizadas na cidade e 27 no interior do município). **TRILHA DA VIDA COMO EXPERIÊNCIA SENSÍVEL E CULTURAL**, os autores Allan Hoffmann, Nadja de Carvalho Lamas, Euler Renato Westphal buscam discutir sobre o campo do Patrimônio, principalmente nas categorias de patrimônio cultural, aplicados em um experimento educacional e instalação de Arte&Ciência Trilha da Vida presente na paisagem cultural do bairro da Limeira em Camboriú/SC. No artigo **ÉTICA DO ENCONTRO A PARTIR DA PESQUISA AUDIOVISUAL: REFLEXÕES SOBRE O CURTA “FILOSOFIAS DO CORPO NO CARIRI”**, a autora Natacha Muriel López Gallucci, busca discutir e teorizar aspectos éticos da investigação audiovisual na fronteira entre o filme documentário e o denominado “ensaio fílmico” tomando como objeto de reflexão o processo de pesquisa empírica, registro imagético, edição e exibição do curta-metragem Filosofias do corpo no Cariri cearense (2018). No artigo **Cultura, Resistencia e Diferenciação Social**, os autores, Solange Aparecida de Souza Monteiro, Heitor Messias Reimão de Melo, Paulo Rennes Marçal Ribeiro,

buscam analisar na obra Freud, em O mal-estar da civilização, obra renomada e publicada em inúmeras edições, defende que a civilização é sinônimo de cultura. Ou seja, não podemos desassociar a funcionalidade cultural em organizar um espaço, determinar discursos e produzirem efeitos.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A COMUNIDADE DOS ARTUROS: EXISTIR, RESISTIR, SOBREVIR	
<i>Elenice Martins Barros Castro</i>	
<i>Edilene Dias Matos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0361928031	
CAPÍTULO 2	12
A IMPLANTAÇÃO DO CENTRO DE LANÇAMENTO EM ALCÂNTARA E SUAS IMPLICAÇÕES SOCIOCULTURAIS OCACIONADA A COMUNIDADE DE MARUDÁ	
<i>Francisca Thamires Lima de Sousa</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0361928032	
CAPÍTULO 3	26
ANTI-COLONIZAR OS AFETOS DA BRANQUITUDE NO FEMINISMO BRASILEIRO	
<i>Élida Lima</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0361928033	
CAPÍTULO 4	34
AS IMPRESSÕES DOS ÍNDIOS XOKÓ E A POSIÇÃO DOS JURISTAS SOBRE A PEC 215 E A TESE DO MARCO TEMPORAL	
<i>Liliane da Silva Santos</i>	
<i>Diogo Francisco Cruz Monteiro</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0361928034	
CAPÍTULO 5	48
BELÉM COMO METRÓPOLE CULTURAL E CRIATIVA DA AMAZÔNIA: CONTRIBUIÇÕES PARA A ELABORAÇÃO DO PLANO MUNICIPAL DE CULTURA DE BELÉM	
<i>Valcir Bispo Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0361928035	
CAPÍTULO 6	66
CORPO PRIVADO CORPO POLITICOS	
<i>Aurionelia Reis Baldez</i>	
<i>Joice de Oliveira Faria</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0361928036	
CAPÍTULO 7	75
CULTURA E SUAS PERFORMANCES NA ANTROPOLOGIA, SEMIÓTICA DA CULTURA E ESTUDOS CULTURAIS	
<i>Juliano Batista dos Santos</i>	
<i>Jordan Antonio de Souza</i>	
<i>José Serafim Bertoloto</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0361928037	

CAPÍTULO 8	91
DO ATO FÓBICO AO ATO MÁGICO PÓS-POLÍTICO: O NOVO MERCADO DISCURSIVO DO MINISTÉRIO DA CULTURA	
<i>João Luiz Pereira Domingues</i> <i>Leandro de Paula Santos</i> <i>Mariana de Oliveira Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0361928038	
CAPÍTULO 9	106
DO EXCESSO DE IMAGENS AO Esvaziamento da mente	
<i>Sophia Mídián Bagues dos Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0361928039	
CAPÍTULO 10	115
MODERNIDADE, DESENVOLVIMENTO E CULTURA VIVA COMO NOVA CONCEPÇÃO DE CULTURA POPULAR	
<i>Miguel Bonumá Brunet</i>	
DOI 10.22533/at.ed.03619280310	
CAPÍTULO 11	130
O CÔMICO, O JOCOSO E O DÚBIO NAS CANTORIAS DO PALHAÇO	
<i>Alda Fátima de Souza</i>	
DOI 10.22533/at.ed.03619280311	
CAPÍTULO 12	138
O PENSAMENTO NÔMADE DO CINEMA MARGINAL BRASILEIRO	
<i>Amanda Souza Ávila Lobo</i> <i>Auterives Maciel Jr</i> <i>Milene de Cássia Silveira Gusmão</i>	
DOI 10.22533/at.ed.03619280312	
CAPÍTULO 13	148
TRABALHANDO O PATRIMÔNIO CULTURAL RELIGIOSO EM AULAS DE HISTÓRIA: SANTUÁRIO NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO	
<i>Liana Barcelos Porto</i> <i>Adival José Reinert Junior</i>	
DOI 10.22533/at.ed.03619280313	
CAPÍTULO 14	155
TRILHA DA VIDA COMO EXPERIÊNCIA SENSÍVEL E CULTURAL	
<i>Allan Hoffmann</i> <i>Nadja de Carvalho Lamas</i> <i>Euler Renato Westphal</i>	
DOI 10.22533/at.ed.03619280314	
CAPÍTULO 15	166
ÉTICA DO ENCONTRO A PARTIR DA PESQUISA AUDIOVISUAL: REFLEXÕES SOBRE O CURTA “FILOSOFIAS DO CORPO NO CARIRI”	
<i>Natacha Muriel López Gallucci</i>	
DOI 10.22533/at.ed.03619280315	

CAPÍTULO 16 183

UMA PROPOSTA DE LEITURA DISCURSIVA: RESISTÊNCIA E DIFERENCIAÇÃO SOCIAL

Solange Aparecida de Souza Monteiro

Heitor Messias Reimão de Melo

Paulo Rennes Marçal Ribeiro

DOI 10.22533/at.ed.03619280316

SOBRE A ORGANIZADORA..... 194

Aurionelia Reis Baldez

UFBA. danbaldez@gmail.com

Joice de Oliveira Faria

UFBA. Joicefaria.lit@gmail.com

RESUMO: Este artigo aplica-se a identificar como vem sendo pensada a salvaguarda das culturas¹ populares através do corpo que dança, apontando limiares entre espetacularização nas rodas da cultura e a realidade vivida nas estruturas de poder capitalista. Guiaremos nossa cartografia poética tendo o samba de roda como principal fonte de observação para pensar corpos privados e corpos políticos. A partir das reflexões feitas por Stuart Hall (2013) tentaremos lançar olhares sobre a diáspora das danças negras como resistência de corpos subalternizados, e para fortalecer o debate sobre as tensões entre cultura e Estado, nos apoiaremos em Carvalho (2010). Assim o caminho trilhado neste artigo servirá para discutir o tratamento de órgãos públicos a respeito da salvaguarda de danças populares apresentados a luz da pesquisadora Raiana Carmo (2009), bem como as implicações reais no cotidiano de mulheres negras, para complementar esta

1 Em 2004, uma política de salvaguarda mais estruturada e sistemática começou a ser implementada pelo Iphan a partir da criação do Departamento do Patrimônio Imaterial (DPI). Em 2010 foi instituído pelo Decreto nº. 7.387, de 9 de dezembro de 2010 o Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL), utilizado para reconhecimento e valorização das línguas portadoras de referência à identidade, ação e memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira.

abordagem nos apoiaremos em Ângela Davis (2017). Portanto, nosso objetivo é retroceder aos caminhos ancestrais lançando um olhar para a espetacularização de corpos negros no contexto atual. O texto emerge com tópicos que partem de noções sobre a ancestralidade, identidade e resistência, para construir possíveis tensões entre realidade e o corpo “pertencente” ao Estado.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo. Dança. Salvaguarda. Espetacularização.

RESUMEN: Este artículo se aplica a identificar cómo se está pensando la salvaguarda de las culturas populares a través del cuerpo que baila, apuntando umbrales entre espectacularización en las ruedas de la cultura y la realidad vivida en las estructuras de poder capitalista. Guiaremos nuestra cartografía poética teniendo el samba de rueda como principal fuente de observación para pensar cuerpos privados y cuerpos políticos. A partir de las reflexiones hechas por Stuart Hall (2013) intentaremos lanzar miradas sobre la diáspora de las danzas negras como resistencia de cuerpos subalternizados, y para fortalecer el debate sobre las tensiones entre cultura y Estado, nos apoyamos en Carvalho

(2010). Así el camino trillado en este artículo servirá para discutir el tratamiento de órganos públicos acerca de la salvaguardia de danzas populares presentados a la luz de la investigadora Raiana Carmo (2009), así como las implicaciones reales en el cotidiano de mujeres negras, para complementar este enfoque nos apoyamos en Ángela Davis (2017). Por lo tanto, nuestro objetivo es retroceder a los caminos ancestrales lanzando una mirada a la espectacularización de cuerpos negros en el contexto actual. El texto emerge con tópicos que parten de nociones sobre la ancestralidad, identidad y resistencia, para construir posibles tensiones entre realidad y el cuerpo “perteneiente” al Estado.

Esta proposta nasce através de inquietações que surgiram durante o processo de trocas empáticas. Poéticas de pesquisadoras negras que buscam entender as contribuições do Estado sobre a salvaguarda das culturas populares bem como as relações de ancestralidade que norteiam a resistência de corpos subalternizados. A pergunta que norteia este artigo debruça-se sobre como o IPHAN² estabelece a relação de patrimônio nos corpos dançantes e por consequência quais interferências ocorrem no cotidiano destas pessoas? Seguindo este caminho, Carvalho (2010) e Stuart Hall (2013) ambos contribuíram para pensar a identidade, diáspora, corpo e Estado. Assim buscaremos construir uma cartografia para nortear o caminho sugerido entendendo essa relação entre corpo, ancestralidade e Estado, assim iniciaremos nossos debates, pensando neste corpo que renasce no Brasil e constrói formas de resistir. Em seguida discutiremos sobre as formas de interferência do IPHAN na vida dos corpos femininos que pertencem às culturas populares, pensando em elaborar uma crítica afropoéticas para colaborar com o crescimento da produção textual sobre vidas negras no Brasil.

O processo de autonomia, referido pelo IPHAN como um ponto fundamental para a salvaguarda dos bens constituídos como patrimônio imaterial, envolve, dentre outras questões, o desenvolvimento de recursos humanos e materiais para as melhorias das condições de sustentabilidade dos indivíduos e grupos envolvidos (CARMO, 2009. p,46)³

2 A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) define como patrimônio imaterial “as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos os indivíduos, reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural.” Esta definição está de acordo com a Convenção da Unesco para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, ratificada pelo Brasil em março de 2006.

Para atender às determinações legais e criar instrumentos adequados ao reconhecimento e à preservação desses bens imateriais, o Iphan coordenou os estudos que resultaram na edição do Decreto nº. 3.551, de 4 de agosto de 2000 - que instituiu o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial e criou o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI) - e consolidou o Inventário Nacional de Referências Culturais (INCR).

3 Vale ressaltar que na gestão anterior a perspectiva do ‘Estado mínimo’ delegou ao mercado a maioria das decisões no campo das políticas públicas de cultura, principalmente através das Leis de Incentivo à Cultura. Segundo Calabre, nesse período, “o governo federal diminuiu o nível dos investimentos públicos na área da cultura, repassando para a iniciativa privada a responsabilidade de decisão sobre os rumos da produção cultural (CALABRE, 2005). <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/9104/1/Dissertacao%2520Raiana%2520seg.pdf>

Propomos uma diáspora linguística, entendida aqui como danças que nascem em territórios distintos que conseguem manter uma relação de sobrevivência a partir da linguagem do corpo. Supomos que ocorre uma contínua apropriação do Estado sobre corpos negros através desta imaginada preservação da cultura. Sendo o corpo um local privado, como se pode tornar público corpos negros? Para contribuir com esse pensamento CARVALHO aponta que:

O processo de transformar eventos públicos (sociais ou comunitários) em espetáculo possui uma longa história e o exemplo mais óbvio seria o circo romano: o espetáculo dos gladiadores no Coliseu tornou-se símbolo da ideia de entretenimento, alienação e manipulação das massas exploradas e excluídas do poder político. Também na Europa pós-Renascença, os autos-de-fé da Inquisição, as execuções e linchamentos dos déspotas franceses, as coroações barrocas, eram eventos concebidos como espetáculo para as massas. Contudo, um novo sentido de espetáculo surgiu no início do século XIX com a sociedade de massa da era urbano-industrial, que passou a ser manipulada tanto pelo Estado como pelo capital por meio da indústria cultural. (CARVALHO, p.47. 2010)

Outrora esse corpo que vem sendo consumido no mundo do espetáculo, também é vítima das maiores estatísticas de morte no país, um circo de horrores que se estabelece a partir da banalização de mortes negras. Perante isso, como acreditar que vidas negras importam ao Estado. Inclinar-nos-emos sobre estes aspectos para pensar a estrutura vigente do racismo colonial, como a desigualdade de salários impostas a trabalhadores negros que ocupam o mesmo cargo de pessoas não negras, sistema falido de saúde pública, péssimas condições de moradias, somos em maior número nas penitenciárias e continuamos a alimentar a árvore genealógica dos trabalhos subalternos, nessa estrutura de poder que nos oferece um sistema falido prisional como base de formação educacional.

(Anecide de Toledo – Batuque de Umbigada/Capivari)

“Trabalhar Eu não...

Eu não...

Trabalho não tenho nada Só tenho calo na mão

O meu patrão ficou rico E nós fiquemo na mão”

Dentro do debate sobre o reconhecimento destes corpos como espaço público o samba de roda do recôncavo baiano, foi reconhecido como bem imaterial e Patrimônio cultural⁴ em 2005. Catalogada por Edson Carneiro (1936) como pertencente aos batuques e das danças de umbigada, “*classificando como samba, corruptela de semba, que na África banto quer dizer umbigada*” Lima (2010) no texto: *Sambas de umbigada:*

4 “A reflexão acerca do patrimônio imaterial, especificamente no Brasil, remonta à década de 30 do século passado, por iniciativa de Mário de Andrade. Dentre as suas ações pode-se destacar a elaboração de um *anteprojeto* para a criação do SPHAN. Nesse documento, Mário propôs um conceito amplo de patrimônio, que abrangia aspectos relevantes da diversidade como as manifestações da cultura tradicional e popular, o que hoje pode ser conhecido como patrimônio imaterial” <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/9104/1/Dissertacao%2520Raiana%2520seg.pdf>

considerações sobre jogo performance, ritual e cultura. Embora não exista uma data precisa para o surgimento das chamadas danças de umbigada, fontes históricas sobre a brincadeira apontam sua existência desde os fins século XVII, vejamos o que pensa Ana Maria Antonio:

() a dança batuque de umbigada é designada como uma dança profana, realizada há mais de 400 anos, trazidas pelos escravos bantos(...). É uma dança de

terreiro, dançada por ambos os sexos. A umbigada consiste na percussão em que são realizadas por várias pessoas, dançadas em casal. Os casais se posicionam em duas fileiras confrontantes, “encostando os umbigos”. Para os batuqueiros essa tradição consiste em um “ritual” de troca de energia, devido ao significado de que é a partir do umbigo que se transfere a alimentação antes do nascimento [entrevista, 2007].

Assim o samba de roda do recôncavo baiano se faz existir através de expressões musicais identitárias de dança e poética. Mesmo dentro deste pequeno apanhado histórico, é certo de que o samba sempre foi alvo de violência e discriminação. Mas o fato é que ao ser reconhecido como bem imaterial, o samba é deslocado do estado marginal para uma representação da cultura brasileira e assim os corpos em que o samba reside tem as suas subjetividades atravessadas, pois ao mesmo tempo em que é deslocado do marginal e passa a ter um valor para o Estado, sua relação de oprimido “deixa de existir”, mas ele também não passa a ser um opressor, o samba apenas é recolocado no contexto da espetacularização.

Com o crescimento do turismo estrangeiro, a imagem do negro passa a ser oferecida como entretenimento estereotipado para satisfazer um falso entendimento pelo turista da identidade projetada sobre o Brasil. A espetacularização vista através de José Jorge de Carvalho (2010) direciona o corpo do artista popular para o lugar de divertimento e consumo.

Defino ‘espetacularização’ como a operação típica da sociedade de massas, em que um evento, em geral de caráter ritual ou artístico, criado para atender a uma necessidade expressiva específica de um grupo e preservado e transmitido através de um circuito próprio, é transformado em espetáculo para consumo de outro grupo, desvinculado da comunidade de origem. (CARVALHO, 2010, p.48)

É preciso expandir este pensamento de espetacularização que vai além do corpo e perpassa questões religiosas, recorremos novamente a Carvalho (2010) que nos aponta algumas considerações sobre a relação entre sagrado e profano. Assim como as danças de umbigada, outras culturas sofrem cooptações do governo, onde tudo se torna lucro.

A profanação (como a ‘espetacularização’ e a ‘canibalização’) é uma via de mão dupla. Por um lado, é o próprio grupo que aceita se ‘auto-profanar’, isto é, retirar a sua tradição cultural e devocional da dimensão protegida do sagrado e expô-la ao entretenimento dos consu-midores em um contexto profano. Por outro lado, são

os espectadores que também contribuem para esse desgaste, independente do esforço dos artistas populares, na medida em que rejeitam a dimensão mítica e sagrada, fixando-se apenas nos aspectos exteriores do espetáculo. (CARVALHO, 2010, p60)

Concordo com Carvalho no que tange as questões de espetacularização e consumo, mas discordo quando o mesmo afirma que “*Por um lado, é o próprio grupo que aceita se auto-profano*”. Acredito que o sagrado é segredo e, é mostrado apenas o que deve ser visto. O exemplo da Kalunga, Boneca do Maracatu que representa a parte sagrada nos cortejos em apresentações, porém todo seu ritual de proteção que abre caminhos para que ela possa estar nas ruas é realizada nesse contexto do segredo, no entanto, está linha tênue entre o sagrado e o profano continua sendo separadas, ou seja, não é o fato da Kalunga estar no contexto do profano ou da espetacularização, que o seu sagrado não existiu, ele se faz presente no contexto do invisível. Vejamos o que tenciona Carvalho (2010) nas relações entre simbólico e estético popular a partir do lucro.

Essas negociações, que dizem respeito a escolhas na área da arte e da espiritualidade, vão se transformando em negociações financeiras: incluir (ou não) sensualidade ou recato pode (ou não) trazer lucro para o contratante. É assim que a dimensão do lucro passa a organizar a emergência do simbólico e do estético popular na perspectiva dos espectadores. (CARVALHO, 2010.p,58)

O que desejamos apontar é a relação de poder que o Governo estabelece com a cultura popular elaborando uma relação pautada no consumo turístico que por sua vez, retorna como *lucro ao contratante*, está movimentação implica na determinação de padrões estéticos e na alta consumação dos corpos da cultura popular.

Embora exista este contexto de consumação dos corpos dançantes, por outro lado, o corpo que dança elabora formas de resistência pautadas na ancestralidade como forma de experiências para dar continuidade ao conhecimento que vem de África. Atualmente encontram-se disponíveis dentro das acadêmicas contribuições das Danças negro-africanas que emergem como possibilidade de desenvolvimento do pensamento filosófico africano no Brasil, enquanto linguagem crítica literário, o que contribui para alicerçar experiências do corpo que dança enquanto área do conhecimento.

O corpo é uma filosofia ao mesmo tempo atado à contingência biológica que nos unifica e à diversidade cultural que nos fragmenta. É, pois uma filosofia que não privilegia o cognitivo e não ratifica uma cultura que produz universalidades generalizantes. O corpo esta profundamente ligado à terra e este vínculo remete à cultura africana que lê essa relação de pertencimento a partir da ancestralidade. (OLIVEIRA, 2007 p, 192)

Posto isto, as danças negras transbordam constantes produções de sentidos, seu contexto social e político primeiramente territorializado em África, assume novas

características na adaptação no Brasil e não é apenas uma mudança nas condições binárias. A produção de novos sentidos se dá justamente pela forma de deslocamento, o nascimento de um novo lugar é como um rio que abre caminhos necessários para a fluidez dessa resistência conectada à ancestralidade.

A saudade eivada de dor e lembranças de um território de origem motivou a rememoração e a ressemantização de mitos e contos da África, e motivou a emergência de formas variadas de expressão da experiência africana em outros territórios. Os “negreiros”, além de uma viagem de dor e tortura, foi também uma usina de produções de signos e criatividade. (OLIVEIRA, 2007. p, 174)

Quando lá em cima falamos sobre críticas afropoéticas, estamos buscando trazer enfrentamento dos problemas sociais que dizem respeito à população negra, apontaremos sobre esta perspectiva identificando possibilidades que serviram de base para praticar ações de enfrentamento, pensando em não ser alvo deste lugar que sofre constante violência, utilizaremos da ginga que assim como na capoeira negocia no corpo formas de adentrar nas brechas do sistema.

Dentro desta usina de produções de signos e criatividade, percebemos a música escutada nas rodas representando uma forte diáspora linguística que emerge, aqui, pelo viés do corpo. Apoiaremos-nos especialmente na dança, ginga presente na capoeira que esta em constante estado de negociação contra o (opressor) e por outro lado é fonte de sabedoria criativa na construção do eu. Portanto, estes signos do corpo como a linguagem e a dança que se fazem presente nas letras de música, são para nós formas potentes de enfrentamentos que opera não pela violência e, sim pelo caminho afropoético.

Eu sou o samba

A voz do morro sou eu mesmo sim senhor Quero mostrar para o mundo que tenho valor Eu sou a voz dos terreiros

(Jair Rodrigues – A voz do morro)⁵

Nesta parte aprofundaremos sobre os aspectos de identidade, usando como apoio as impressões á respeito da letra “*A voz do morro*” de Jair Rodrigues que coloca o samba no lugar do sujeito que ressignifica-se dentro das múltiplas identidades, assim a população negra e suas culturas se transformam para sobreviver.

Hall (2003), ao pensar a identidade cultural, estabelece um entendimento em que os valores culturais são mantidos como elementos permeáveis às mudanças empreendidas pelas migrações territoriais. O autor considera que as culturas são abertas e compõem-se em meio às diásporas, expressando-se como um tributo que reinventa as tradições. Essa constatação revela que as culturas não são puras. Isso fornece às tradições um conteúdo sincrético, em que se pode observar a incorporação de outros valores culturais e a manutenção de aspectos vinculados às origens étnico-raciais. (Rodrigues apud Hall. 2012,p.3)

5 <https://www.letras.mus.br/jair-rodrigues/292921/>

Porém, este fenômeno apontado por Hall pode ser percebido como uma ideologia das culturas bantos, que ao chegar ao Brasil, passaram a cultivar a nova terra como lugar sagrado e assim incorporaram em seus cultos entidades religiosas indígenas e europeias. Nas tradições culturais indígenas pode-se observar que não há representação do negro, o mesmo ocorre nas culturas europeias, apenas na igreja católica após um longo processo histórico de lutas, podemos notar a presença de alguns santos negros, que, contudo, para ser aceito passaram por um processo de santificação. Em terra alheia aprendemos a aceitar e incorporar o outro dentro dos nossos rituais, a exemplo do culto banto nas festas de caboclo onde encontramos representações indígenas.

Dentro das representações de identidade que atuam na frente dos processos de resistência, deixamos para o final destacar a presença das mulheres negras, não apenas como corpos dançantes, mas, sobretudo por serem reconhecidas como mestras. Angela Davis (2017) no encontro Internacional sobre feminismo negro e decolonial em Cachoeira fala:

“Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela, porque tudo é desestabilizado a partir da base da pirâmide social onde se encontram as mulheres negras, muda-se a base do capitalismo”⁶

Queremos relacionar o que Davis fala com o movimento das sambadeiras, o sambar miudinho, o corta jaca, a mexida nos quadris e o girar das saias é o que pode provocar uma desestabilização na sociedade, pois neste momento ocorre uma inversão de valores, ou seja, dentro do contexto da festividade as sambadeiras se deslocam do lugar de oprimido, porém, dentro de um contexto comum facilmente a sociedade consegue torna-las invisíveis. O samba faz parte da resistência das comunidades negras, mas também serve como reafirmação de sua condição de explorado. O chamado embranquecimento do samba funciona como estratégia das classes dominantes em usar o gênero popular para reafirmar um discurso racista.

O projeto “*circulando com as mulheres do samba de roda*” realizado no dia 25 de março de 2018 no Largo Tereza Batista reuniu 16 mestras de maior referência do estilo de Samba de roda, em depoimento a maior parte delas revela histórias de lutas, tiveram que criar seus filhos sozinhas, assim como dar continuidade a essa herança cultural, faz parte processo de sobrevivência dos corpos de mulheres negras.

Nesse sentido, construímos um olhar para esse referencial negro feminino que é capaz de transformar a si e ao seu entorno, não somente através da dança, mas, sobretudo através da força do matriarcado, em seus depoimentos estas mulheres não revelam somente suas lutas enquanto mães solteiras e portadoras desta herança ancestral, mas prova acima de tudo o quanto suas identidades e a memória que

6 https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/27/politica/1501114503_610956.html

carregam em seus corpos.

Assim, diferentemente dos bens materiais como uma igreja ou um monumento que deve ser tombado e preservado da maneira mais original possível, a salvaguarda dos bens de natureza imaterial deve propor medidas que não caiam no estigma da *folclorização*, ou seja, de uma espécie de “congelamento” dessas práticas culturais, mas que garantam tratar seus valores musicais e simbólicos em meio às diversas transformações decorrentes da contemporaneidade. Neste sentido, os saberes e fazeres das manifestações culturais não devem ser vistos como uma coisa “engessada”, esperando para ser preservados ou resgatados e sim como um processo cultural em movimento (CARMO, 2009.p 44)

Colocamos a cultura popular no mesmo patamar das sambadeiras, por entendemos que estes dois lugares não se separam, ou seja, a dança esta no corpo muito antes de sermos escravizados, e o samba corresponde para as sambadeiras movimento criativo que representam sabedorias ancestrais na forma de reinventar espaços de existência.

Por fim, nosso objetivo não foi o de responder a todas as perguntas, mas instigar para que as pessoas construam suas próprias opiniões perante o que foi posto, dentro da lógica racional toda questão vem acompanhado de respostas pré-estabelecidas, propomos como fechamento deste artigo a reflexão para dar continuidade na busca por questionamento que venham a contribuir com este corpo político, que opera através da dança.

REFERÊNCIAS

ANTÔNIO, Márcia M. **Foi da África até a Vila África. São Paulo:** Andreato Comunicações e Cultura, 2007 [entrevista].

CARVALHO, Jose J. **Espetacularização e canabalização das culturas populares da América Latina**, 2010 [revista]

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro. Modernidade e Dupla Consciência.** Rio de Janeiro: Editora 34, 2013.

HALL, Stuart. **Da Diáspora.** Minas Gerais: Editora UFMG, 2013.

OLIVEIRA, David Eduardo de. **Filosofia da ancestralidade: corpo e mito na Filosofia da Educação Brasileira.** Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2007

SITES:

file:///C:/Users/acer/Downloads/23675-46682-1-PB%20(1).pdf

<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tecap/article/viewFile/12142/9457> <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/56> <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234>

Silva, Renato de Lima (2010) <http://www.camara.gov.br/sileg/integras/279736.pdf>

<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/9104/1/Dissertacao%2520Raiana%2520seg.pdf> <https://>

comunicacaoesporte.files.wordpress.com/2010/10/hall-stuart-a-identidade-cultural- na-pos-
modernidade.pdf [https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/9104/1/Dissertacao%2520Raiana%2520seg.
pdf](https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/9104/1/Dissertacao%2520Raiana%2520seg.pdf)

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7247-203-6



9 788572 472036